



FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO – FABAT
SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL

MAICON IGNACIO FELIX DA SILVA

**CONTEXTUALIZAÇÃO TEOLÓGICA:
A INFLUÊNCIA DA CULTURA LOCAL NA FORMULAÇÃO DOUTRINÁRIA E NA
PRÁTICA ECLESIAL**

**RIO DE JANEIRO
2025**

MAICON IGNACIO FELIX DA SILVA

CONTEXTUALIZAÇÃO TEOLÓGICA: A INFLUÊNCIA DA CULTURA LOCAL NA
FORMULAÇÃO DOUTRINÁRIA E NA PRÁTICA ECLESIAL

Artigo apresentado ao curso de Bacharel
em Teologia da Faculdade Batista do Rio
de Janeiro, como requisito necessário à
obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. Álvaro Ramon R.
Oliveira

RIO DE JANEIRO
2025

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me enviado para esta casa de profetas, dando-me forças, direção e sustento em cada etapa destes quatro anos de caminhada. Como diz o salmista: “Que darei eu ao Senhor por todos os benefícios que Ele me tem dado?” Hoje reconheço que tudo é graça. O Senhor me sustentou, abriu portas e colocou ao meu redor pessoas que marcaram minha jornada.

Agradeço também à minha esposa Mara, companheira fiel, que sempre esteve ao meu lado com amor, paciência e apoio incondicional. Aos meus filhos Milena e Micael, que são minha motivação diária e a razão de tantos esforços.

De modo muito especial, agradeço à minha cunhada, que também considero como uma filha, Neuzinha, pelo carinho, presença e incentivo constante.

Minha gratidão também vai ao meu pai, Pr. Ivayr Ignacio da Silva (in memoriam), por sempre ter me incentivado à vida ministerial e cuja memória continua sendo uma inspiração. Agradeço igualmente à minha mãe, Rutelene Felix da Silva, por todo amor, dedicação, incentivo e orações.

Agradeço também à Igreja Batista do Bairro Inconfidência, igreja que me viu crescer, amadurecer e que me enviou ao seminário. Sou igualmente grato à Primeira Igreja Batista de Mesquita, uma igreja linda que tem abraçado a mim e à minha família com tanto carinho.

Ao Pastor Renato Reis, pastor íntegro e sábio, minha profunda gratidão por tudo que tem me ensinado e pelas oportunidades concedidas para exercer o ministério à frente da juventude desta amada igreja.

Agradeço ainda aos professores e amigos que Deus colocou no meu caminho. Cada ensinamento, cada palavra e cada gesto contribuíram para a pessoa e o ministro que estou me tornando. Levarei todos vocês comigo para a vida.

A todos, o meu muito obrigado.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEOLÓGICA: A INFLUÊNCIA DA CULTURA LOCAL NA FORMULAÇÃO DOUTRINÁRIA E NA PRÁTICA ECLESIAL

Maicon Ignacio F. Silva¹

Álvaro Ramon R. Oliveira²

RESUMO: A contextualização teológica tem se tornado essencial para a missão cristã em um mundo marcado pela diversidade cultural e constante transformação. Este artigo discute como a cultura influencia a formulação doutrinária e a prática eclesial, demonstrando a necessidade de uma teologia que dialogue com o contexto sem relativizar a mensagem bíblica. Com base em revisão bibliográfica qualitativa, utilizando autores como Nicholls, Geertz, Bevans, Bosch e Hiebert, busca-se compreender os desafios e as possibilidades da contextualização na igreja local. Os autores analisados oferecem perspectivas complementares sobre a interação entre fé e cultura: Geertz enfatiza a cultura como sistema de significados; Bevans afirma que toda teologia é contextual por natureza; Bosch destaca a missão como movimento dinâmico; Hiebert propõe o diálogo entre antropologia e missiologia; e Nicholls defende uma teologia fiel às Escrituras e pertinente à cultura. Conclui-se que a contextualização é um processo contínuo e indispensável para que a igreja viva e anuncie o evangelho de modo relevante, evitando tanto o etnocentrismo quanto o sincretismo.

Palavras-chave: Contextualização; Teologia; Cultura; Igreja local.

ABSTRACT: Theological contextualization has become essential for Christian mission in a world marked by cultural diversity and constant change. This article discusses how culture influences doctrinal formulation and ecclesial practice, emphasizing the need for theology to dialogue with its context without compromising biblical truth. Based on qualitative bibliographic research using authors such as Nicholls, Geertz, Bevans, Bosch, and Hiebert, the study explores the challenges and possibilities of contextualization in the local church. These authors offer complementary perspectives on the interaction between faith and culture: Geertz emphasizes culture as a system of meanings; Bevans asserts that all theology is contextual by nature; Bosch highlights mission as a dynamic movement; Hiebert proposes a dialogue between anthropology and missiology; and Nicholls defends a theology faithful to Scripture and relevant to culture. The study concludes that contextualization is a continuous and indispensable process for the church to live and proclaim the gospel meaningfully, avoiding both ethnocentrism and syncretism.

Key-words: Contextualization; Theology; Culture; Local church.

¹ Graduando em Bacharel de Teologia pela FABAT

² Bacharel em Teologia (FABAT); Mestre em História (PUC-RIO); Historiador e pesquisador (LABEP)

INTRODUÇÃO

A relação entre teologia e cultura tem se intensificado nas últimas décadas devido às rápidas transformações sociais, tecnológicas e comunicacionais que marcam o mundo contemporâneo. Em tal contexto, a igreja é desafiada a manter fidelidade ao evangelho e, ao mesmo tempo, comunicar-se de modo que sua mensagem seja compreendida pelas pessoas de sua localidade. Essa tensão entre fidelidade e relevância tem gerado debates profundos sobre a necessidade da contextualização teológica.

Segundo Nicholls (2013)³, *“toda teologia é, por natureza, contextual, pois nunca é formulada fora de um ambiente cultural específico”*. Em outras palavras, a igreja sempre interpretou e expressou a fé dentro de um contexto particular, ainda que nem sempre de modo consciente. A falta de consciência cultural pode levar comunidades a confundirem elementos da cultura com elementos do evangelho.

A contextualização surge, portanto, como tentativa de dialogar com a cultura, traduzindo o conteúdo bíblico para novas linguagens, sem modificar sua essência. Bosch (2007)⁴ reforça que *“a missão cristã é intrinsecamente contextual, pois surge da interação entre evangelho e cultura”*, apontando para a necessidade de um engajamento intencional com o mundo contemporâneo.

Diante desse panorama, este artigo busca responder à seguinte problemática: De que forma a cultura influencia a formulação doutrinária e a prática eclesial, e por que a contextualização é necessária na igreja local? Para isso, utiliza-se como metodologia a revisão bibliográfica qualitativa, a partir de cinco autores amplamente referenciados na Missiologia e na Teologia Contextual: Geertz, Hiebert, Nicholls, Bevans e Bosch.

O objetivo geral é demonstrar a necessidade da contextualização teológica na igreja local, destacando seus fundamentos, riscos, potencialidades e aplicações. Assim, espera-se contribuir para uma compreensão mais profunda da relação entre fé e cultura, fortalecendo a reflexão teológica e a prática pastoral.

³ NICHOLLS, Bruce J. Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.

⁴ BOSCH, David J. Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. 2ª Edição. Rio Grande do Sul: Sinodal, 2007.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA CONTEXTUALIZAÇÃO

A contextualização teológica se desenvolveu como resposta às transformações culturais que impactaram a prática missionária, a reflexão teológica e a vida comunitária. Embora o termo seja relativamente recente, sua essência acompanha a história da própria fé cristã. Desde o início, a igreja teve de comunicar o evangelho a povos com tradições e linguagens distintas.

1.1. A contextualização como princípio missiológico

A contextualização não é uma invenção recente, mas um princípio inerente à própria missão cristã. Como afirma Bosch (2007)⁵, o evangelho nunca existe em estado abstrato, pois sempre é ouvido, interpretado e vivido dentro de uma cultura específica. O Novo Testamento evidencia isso com clareza: Paulo adapta sua comunicação às referências culturais de seus ouvintes, utilizando categorias filosóficas gregas no Areópago e, por outro lado, recorrendo às Escrituras e à história de Israel nas sinagogas judaicas.

Em ambos os casos, o conteúdo do evangelho permanece imutável, mas sua forma comunicativa se molda ao contexto, demonstrando que a missão cristã sempre operou de maneira contextualizada.

Nicholls (2013)⁶ aprofunda essa compreensão ao afirmar que toda teologia nasce de um diálogo inevitável com a cultura. Segundo ele, não existe interpretação neutra, pois todo ser humano pensa, sente e discerne a partir de símbolos, narrativas e valores moldados por seu contexto.

Essa visão encontra apoio na antropologia de Geertz (2008)⁷, que define cultura como um sistema de significados expresso em símbolos e práticas. Além disso, Hiebert (2008)⁸ lembra que tais significados também constituem estruturas profundas de cosmovisão, que precisam ser transformadas pelo evangelho para que a fé seja

⁵ BOSCH, David J. Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. 2ª Edição. Rio Grande do Sul: Sinodal, 2007.

⁶ NICHOLLS, Bruce J. Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.

⁷ GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

⁸ HIEBERT, Paul G. O Evangelho e a Diversidade das Culturas. São Paulo: Vida Nova, 2008.

autêntica. Assim, comunicar a mensagem cristã exige compreender as “teias de significados” que organizam a visão de mundo das pessoas.

Bevans (2004)⁹ reforça que toda teologia é contextual, inclusive a teologia ocidental frequentemente tratada como universal. Para ele, contextualizar não é relativizar a fé, mas reconhecer que Deus age na história e que a mensagem cristã precisa ser traduzida para cada cultura sem perder sua essência.

Integrando esses autores, torna-se evidente que a contextualização é um princípio essencial para a missão: ela protege a igreja tanto do etnocentrismo, que absolutiza formas culturais particulares, quanto do sincretismo, que incorpora elementos incompatíveis com o evangelho. Assim, longe de distorcer a mensagem, a contextualização permite que o evangelho seja comunicado com fidelidade, clareza e relevância em cada tempo e cultura.

1.2. A teologia como construção contextual

Bevans (2004)¹⁰ argumenta que a contextualização não é uma escolha metodológica, mas uma dimensão essencial de toda teologia. Ao apresentar seus seis modelos de teologia contextual, translacional, antropológico, práxis, sintético, transcultural e contra-cultural ele mostra que, embora existam diferentes caminhos para articular a fé, nenhum deles escapa ao fato de que toda reflexão teológica nasce dentro de um contexto.

Desse modo, Bevans desmonta a ideia de uma teologia “pura” ou “universal”, lembrando que mesmo as formulações mais tradicionais carregam os pressupostos culturais, históricos e filosóficos de seus autores. Para ele, reconhecer essa realidade não enfraquece a teologia, mas a torna mais honesta e consciente de seus próprios condicionamentos.

Essa perspectiva corrige a visão equivocada de que apenas culturas não ocidentais precisam contextualizar sua teologia. Bevans demonstra que teologias europeias e norte-americanas clássicas também são profundamente contextuais, moldadas por correntes como o iluminismo, o racionalismo e o individualismo moderno.

⁹ BEVANS, Stephen B. Modelos de Teologia Contextual. 2ª Edição. São Paulo: Paulus, 2004.

¹⁰ BEVANS, Stephen B. Modelos de Teologia Contextual. 2ª Edição. São Paulo: Paulus, 2004.

Assim, contextualizar não é adaptar o evangelho à cultura, mas compreender que a igreja sempre viveu e pensou dentro de molduras culturais específicas. Para o autor, esse processo exige discernimento e diálogo entre Escritura, tradição e realidade local, permitindo que a fé cristã seja comunicada de modo fiel, relevante e capaz de responder aos desafios concretos enfrentados pelos crentes em cada tempo e lugar.

Para Bevans (2004)¹¹, este processo envolve duas posturas fundamentais:

1. Reconhecer que o evangelho precisa ser encarnado em cada cultura, tal como Cristo se encarnou plenamente na realidade humana;
2. Assumir que Deus já está agindo na cultura, e que a tarefa da teologia é nomear, discernir e dialogar com essa ação divina.

Assim, contextualizar não é simplesmente traduzir o evangelho para outra língua, mas entrar em diálogo profundo com os valores, perguntas, símbolos e experiências de uma determinada comunidade. É buscar compreender como essa comunidade interpreta o mundo, como se relaciona com o sagrado e quais desafios enfrenta para viver a fé cristã no cotidiano.

Bevans também destaca que a contextualização não relativiza a verdade do evangelho; ao contrário, permite que essa verdade seja reconhecida em sua profundidade e poder transformador por pessoas de diferentes culturas. A mensagem permanece imutável em sua essência, mas se expressa de forma dinâmica, criativa e adequada à realidade de quem a recebe.

Portanto, para Bevans, considerar a teologia como construção contextual significa reconhecer que a fidelidade ao evangelho exige atenção ao contexto. A teologia que ignora a cultura torna-se abstrata, distante e incapaz de transformar vidas. Já a teologia contextualizada é viva, encarnada e missionária, pois se compromete com a tarefa de anunciar Cristo de maneira compreensível, significativa e transformadora para cada povo e tempo.

1.3. A antropologia como ferramenta teológica

A contribuição de Paul G. Hiebert para a missão cristã destaca a antropologia como ferramenta essencial para compreender a cultura e, assim, comunicar o evangelho com fidelidade e pertinência. Para ele, nenhuma ação missionária é

¹¹ BEVANS, Stephen B. Modelos de Teologia Contextual. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

plenamente eficaz quando ignora os símbolos, valores e estruturas sociais que moldam a visão de mundo das pessoas.

Ao alertar para as “zonas de sombra” criadas pela falta de sensibilidade cultural, Hiebert (2004)¹² evidencia que confusões teológicas e práticas podem surgir quando elementos culturais são tomados como mandamentos bíblicos ou quando, por outro lado, práticas incompatíveis com a fé cristã são assimiladas sem discernimento.

Nesse horizonte, o conceito de cosmovisão torna-se central. Hiebert afirma que o evangelho precisa transformar não apenas comportamentos externos, mas as estruturas profundas que orientam a interpretação da realidade. Esse entendimento dialoga com a concepção de cultura desenvolvida por Geertz, segundo a qual a cultura consiste em “teias de significados”.

Enquanto Geertz oferece uma leitura interpretativa desses significados, Hiebert aprofunda o debate ao destacar as bases de cosmovisão que os sustentam. Essa convergência torna a antropologia indispensável para evitar sincretismos e discernir o que, na cultura, pode ser redimido, confrontado ou reinterpretado à luz das Escrituras.

Por fim, Hiebert avança ao propor uma relação de “hermenêutica mútua” entre teologia e cultura, onde ambas se interpelam sem relativizar a verdade bíblica. Essa perspectiva se alinha à compreensão de Bevans de que toda teologia é contextual e à de Bosch, que ressalta não existir evangelho descontextualizado.

Assim, a antropologia não substitui a teologia, mas a complementa, oferecendo à missão cristã um caminho para anunciar o evangelho de forma encarnada, culturalmente sensível e teologicamente fiel, evitando tanto a imposição cultural quanto a diluição da fé.

2. CULTURA COMO SISTEMA DE SIGNIFICADOS

Compreender a cultura é essencial para entender como a fé dialoga com o mundo real. Clifford Geertz descreve a cultura como uma grande rede de significados na qual todos nós estamos entrelaçados. Isso mostra que cultura não é apenas hábitos ou costumes externos; é o modo como enxergamos a vida, interpretamos experiências e damos sentido ao que vivemos.

¹² HIEBERT, Paul G. O Evangelho e a Diversidade das Culturas. São Paulo: Vida Nova, 2008.

Segundo Geertz, ninguém vive no mundo de forma “neutra”: interpretamos tudo a partir dos símbolos que aprendemos — nossos rituais, nossa linguagem, nossos gestos e valores. Por isso, a cultura funciona como uma espécie de lente que molda nossa visão da realidade.

Essa ideia tem implicações profundas para a teologia e para a missão cristã. Se o evangelho entra em contato com pessoas que pensam por meio de símbolos culturais, então comunicá-lo não é apenas transmitir informações, mas dialogar com essas formas de interpretar o mundo. A contextualização, portanto, vai muito além de adaptar formas externas: envolve um encontro verdadeiro entre os significados do evangelho e os significados presentes na cultura.

Geertz também lembra que os símbolos culturais carregam visões de moralidade, espiritualidade e poder. Assim, quando a igreja ignora a cultura, corre o risco de comunicar uma mensagem correta, mas incompreensível para aquele contexto. Além disso, aquilo que tem um significado em uma cultura pode ter outro completamente diferente em outra — algo tão simples quanto uma refeição compartilhada ou uma palavra religiosa pode carregar sentidos distintos.

Hiebert reforça essa mesma ideia ao alertar que, sem compreender a cosmovisão e os valores de uma cultura, a igreja pode oferecer um evangelho superficial, que muda comportamentos externos, mas não transforma o coração. Para ele, o evangelho precisa ressignificar os significados culturais — e isso só acontece quando a igreja se dispõe a entendê-los profundamente.

Essa compreensão da cultura também conecta Geertz a pensadores como Bosch e Bevans. Geertz oferece a base antropológica: a cultura molda a interpretação da realidade. Bosch mostra que a missão acontece sempre dentro dessas culturas; o evangelho nunca chega de modo “puro”, sempre é recebido por pessoas que interpretam símbolos. Bevans vai além e afirma que toda teologia nasce dentro de uma cultura — não existe teologia que não seja contextual.

Assim, o que Geertz descreve como condição humana viver envolto em símbolos se torna, para Bosch, a base da missão e, para Bevans, o fundamento da teologia. A cultura deixa de ser inimiga do evangelho e passa a ser o espaço onde ele se encarna, assim como Cristo se encarnou em um contexto cultural específico.

No fim, unir essas três perspectivas mostra algo simples, mas profundo: compreender a cultura não é um adorno da missão, e sim parte essencial dela. A

contextualização é expressão da própria fidelidade ao evangelho, pois permite anunciá-lo de maneira viva, compreensível e transformadora em cada realidade humana.

2.1. A cultura e a interpretação da realidade

Segundo Geertz (2008)¹³, a cultura é formada por símbolos, rituais, narrativas e práticas que moldam o modo como as pessoas percebem e interpretam o mundo. Esses elementos não são superficiais ou opcionais: eles compõem a estrutura simbólica que dá sentido à existência humana.

Assim, a experiência de realidade nunca é “pura”, mas sempre mediada por interpretações culturalmente construídas. Para Geertz, compreender uma cultura é interpretar essas “teias de significados”, pois é nelas que o ser humano está inescapavelmente enredado.

Essa perspectiva é determinante para a teologia e para a missão cristã, porque ela evidencia que nenhuma comunicação, inclusive a comunicação do evangelho ocorre fora de uma moldura cultural. Uma igreja que ignora essa realidade incorre no risco de anunciar uma mensagem que, embora fiel às Escrituras, torna-se incompreensível, irrelevante ou até mesmo distorcida dentro de determinado contexto. A cultura funciona como o “idioma interpretativo” por meio do qual o evangelho é recebido, compreendido e vivido.

Neste ponto, a contribuição de Hiebert aprofunda e complementa a visão de Geertz. Enquanto Geertz enfatiza a dimensão simbólica e interpretativa da cultura, Hiebert destaca como esses significados profundos formam a cosmovisão o conjunto de pressupostos invisíveis que orienta a maneira como uma comunidade entende Deus, o mundo, o ser humano e o propósito da vida. Se Geertz descreve a cultura como “texto”, Hiebert descreve a cosmovisão como a “gramática” que organiza e dá coerência a esse texto.

Hiebert (2008)¹⁴ argumenta que o evangelho precisa alcançar esse nível profundo da cosmovisão para produzir verdadeira transformação. Caso contrário, corre-se o risco de um cristianismo superficial, no qual comportamentos são

¹³ GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

¹⁴ HIEBERT, Paul G. O Evangelho e a Diversidade das Culturas. São Paulo: Vida Nova, 2008.

modificados externamente, mas as estruturas internas de significado permanecem intactas.

Para ele, “sem compreender como as pessoas interpretam a realidade, a missão da igreja permanece nas zonas de sombra”, permitindo que elementos culturais sejam confundidos com princípios bíblicos ou que práticas contrárias ao evangelho sejam assimiladas sem reflexão.

A partir dessas contribuições antropológicas, fica evidente por que Nicholls afirma que toda teologia é contextual. Ele destaca que a tarefa teológica ocorre sempre dentro de um ambiente cultural e que ignorar essa realidade significa produzir uma teologia abstrata, incapaz de dialogar com a vida concreta das pessoas.

Quando Nicholls defende que “o ser humano vive, pensa e interpreta a partir de seu contexto”, ele se alinha diretamente ao que Geertz e Hiebert demonstram: que cultura e cosmovisão moldam tanto a compreensão do mundo quanto a recepção do evangelho.

Essa mesma linha é aprofundada por Bevans, que argumenta que toda teologia é uma construção contextual. Ao afirmar que “*não existe teologia pura, mas apenas teologias situadas*”, Bevans reforça a visão de que símbolos culturais (como os analisados por Geertz) e estruturas profundas de cosmovisão (como descritas por Hiebert) influenciam necessariamente a formulação teológica.

Assim, para Bevans, contextualizar é reconhecer essa realidade e assumir que o evangelho precisa ser expresso por meio das categorias culturais de cada povo, sem perder sua essência.

Bosch também se conecta organicamente a essa perspectiva ao afirmar que “não existe evangelho em estado puro; ele é sempre ouvido e interpretado dentro de uma cultura”. Para Bosch, a missão cristã é sempre um encontro entre o evangelho e as teias culturais que moldam o ser humano.

Isso significa que a igreja precisa dialogar com essas culturas, interpretá-las e permitir que o evangelho seja proclamado de forma compreensível. Assim como Geertz vê a cultura como texto que precisa de interpretação, Bosch vê a missão como ato hermenêutico: o evangelho entra no contexto, transforma-o e é transformado em sua forma nunca em seu conteúdo.

Quando essas cinco perspectivas são integradas, a contextualização teológica revela sua profundidade. Geertz fornece a lente interpretativa da cultura; Hiebert

revela como a cultura forma cosmovisões profundas; Nicholls demonstra que teologia é sempre formulada nesse ambiente cultural; Bevans afirma que a teologia contextual é a única forma honesta de fazer teologia; e Bosch destaca que a missão cristã só pode acontecer através do diálogo com a cultura.

Assim, compreender cultura e cosmovisão leva à conclusão defendida por Nicholls, Bevans e Bosch de que a igreja nunca deve separar evangelho de contexto. A contextualização exige: Interpretação, conforme diz Geertz; Discernimento, conforme atesta Hiebert; consciência teológica, conforme Nicholls discorre; encarnação teológica, conforme pensa Bevans; missão sensível ao contexto, conforme atribui Bosch.

Portanto, a cultura não é apenas o cenário onde o evangelho é anunciado, mas o meio interpretativo pelo qual ele é compreendido. E a cosmovisão não é apenas pano de fundo, mas o terreno onde o evangelho precisa enraizar-se.

A missão cristã, para ser profunda e transformadora, precisa dialogar com símbolos culturais, transformar estruturas de cosmovisão, reconhecer a contextualidade da teologia, construir teologias situadas e atuar missionalmente dentro desse encontro. Somente assim a contextualização teológica pode ser fiel ao evangelho e relevante para a realidade concreta das pessoas.

2.2. Implicações para a igreja

As implicações da cultura e da cosmovisão para a vida da igreja local são profundas, pois influenciam diretamente a fidelidade ao evangelho e a relevância do ministério no contexto em que se vive. Hiebert destaca que a igreja precisa aprender a interpretar a cultura em profundidade, indo além das aparências e identificando tanto os valores que podem ser redimidos quanto aqueles que precisam ser confrontados. Essa tarefa envolve compreender os significados culturais e as estruturas invisíveis da cosmovisão que moldam a forma como as pessoas percebem o mundo.

A ideia de Hiebert (2008)¹⁵ de que “o evangelho julga todas as culturas, mas também as cumpre” resume a tensão saudável entre crítica e valorização cultural. O evangelho não se adapta totalmente à cultura, mas também não a rejeita por completo: ele discerne, corrige e ressignifica aquilo que reflete a verdade de Deus.

¹⁵ HIEBERT, Paul G. O Evangelho e a Diversidade das Culturas. São Paulo: Vida Nova, 2008.

Essa postura exige a mesma sensibilidade interpretativa descrita por Geertz no campo da antropologia e aprofundada por Hiebert na análise da cosmovisão.

Nicholls (2013)¹⁶ amplia essa reflexão ao afirmar que a teologia nunca nasce em um espaço neutro. Para ele, reconhecer a influência cultural significa admitir que toda prática e formulação teológica é moldada por um contexto específico. Assim, a igreja precisa desenvolver consciência crítica de sua própria cultura para não confundir tradições locais com verdades universais, evitando projeções etnocêntricas sobre o evangelho.

Nesse mesmo caminho, Bevans afirma que toda teologia é contextual, resultado do diálogo vivo entre Escritura, tradição e cultura. Para ele, contextualizar não dilui o evangelho, mas reconhece que sua comunicação depende das categorias e símbolos que fazem sentido para cada povo. Por isso, contextualização é tanto um dever missionário quanto uma responsabilidade pastoral.

Bosch (2007)¹⁷ reforça essa perspectiva ao lembrar que “não existe evangelho abstrato”, pois ele sempre chega ao ser humano por meio de uma linguagem cultural. A missão, portanto, é inevitavelmente contextual. A igreja é chamada a interpretar a cultura como parte de sua obediência ao mandato missionário, discernindo onde o evangelho deve confrontar práticas que distorcem a dignidade humana e onde pode afirmar valores que refletem o Reino de Deus.

A integração das contribuições de Geertz, Hiebert, Nicholls, Bevans e Bosch mostra que a contextualização não é uma mudança superficial, mas um processo que envolve leitura cultural, discernimento da cosmovisão, reflexão teológica e ação missionária. Quando a igreja compreende essa dinâmica, ela evita tanto o etnocentrismo quanto o sincretismo e se torna capaz de anunciar o evangelho de forma fiel, relevante e transformadora para as realidades concretas das pessoas que busca servir.

3. A IGREJA LOCAL COMO ESPAÇO DE CONTEXTUALIZAÇÃO

¹⁶ NICHOLLS, Bruce J. Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.

¹⁷ BOSCH, David J. Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. 2ª Edição. Rio Grande do Sul: Sinodal, 2007.

A igreja local é o espaço onde a contextualização teológica se torna concreta e cotidiana, pois é ali que a fé é ensinada, celebrada e vivida de acordo com o contexto sociocultural da comunidade. Como observa Geertz, cada igreja está inserida em uma “teia de significados” composta por símbolos, rituais e narrativas que moldam sua compreensão de culto, espiritualidade e comunhão.

Assim, práticas como a forma de pregar, cantar ou se organizar não são neutras: elas refletem o modo como aquela comunidade interpreta a realidade e expressa sua fé dentro de seu próprio universo cultural.

Hiebert aprofunda essa perspectiva ao mostrar que, por trás dos símbolos visíveis, existe uma cosmovisão que orienta crenças e comportamentos de maneira ainda mais profunda. Isso significa que a igreja local não apenas utiliza elementos culturais, mas também reproduz pressupostos invisíveis sobre autoridade, moralidade, comunidade e espiritualidade.

O evangelho, nesse contexto, precisa transformar essas estruturas internas, purificando o que é incompatível com a fé cristã e ressignificando valores que podem ser redimidos. Nicholls reforça essa percepção ao afirmar que toda teologia nasce em um contexto específico; assim, doutrinas, ênfases e práticas da igreja local sempre refletem — ainda que inconscientemente — tanto a leitura bíblica quanto os valores culturais da comunidade.

Bevans e Bosch ampliam esse entendimento ao lembrar que toda teologia é contextual e que não existe evangelho abstraído da cultura. A igreja local, portanto, é o lugar onde o evangelho se encarna na realidade das pessoas, orientando missão, discipulado e serviço de forma sensível ao contexto.

Para ser fiel às Escrituras e relevante ao mundo ao seu redor, a igreja precisa discernir onde o evangelho desafia práticas culturais injustas e onde encontra valores que podem ser acolhidos e redimidos. Assim, a contextualização deixa de ser um conceito teórico e se torna uma prática diária, indispensável para que a comunidade viva e comunique a fé de maneira autêntica e transformadora.

3.1. Práticas eclesiais moldadas pela cultura

Nicholls (2013)¹⁸ destaca que nenhuma prática da igreja é neutra: cada forma de culto, liderança ou organização comunitária carrega influências culturais que moldam a vida e a teologia da comunidade. Isso significa que pregações, estilos musicais, formas de resolver conflitos e expressões de espiritualidade não surgem apenas da leitura bíblica, mas também dos valores e símbolos da sociedade em que a igreja está inserida. Assim, a comunidade de fé constantemente vive a tensão entre evangelho e cultura, ainda que, muitas vezes, de maneira inconsciente.

Essa percepção se alinha ao entendimento de Geertz, para quem a cultura funciona como um sistema de significados que orienta a interpretação humana da realidade. Quando aplicada ao contexto eclesial, essa visão ajuda a entender que gestos como levantar as mãos, orar silenciosamente ou de maneira intensa, preferir sermões longos ou curtos, e até definir o que se entende por um culto “reverente” são expressões moldadas por significados culturais específicos.

Hiebert (2008)¹⁹ aprofunda essa análise ao mostrar que tais práticas emergem de estruturas ainda mais profundas — a cosmovisão — que influencia concepções de autoridade, comunhão, espiritualidade e moralidade dentro da igreja.

Bevans e Bosch completam essa reflexão ao afirmar que tanto a teologia quanto a missão são inevitavelmente contextuais. Para Bevans, toda prática da igreja é uma tradução do evangelho para as categorias culturais de seu povo; para Bosch, essas práticas expressam como a igreja entende e vive sua missão no mundo.

Assim, reconhecer que as práticas eclesiais são culturalmente situadas não diminui a centralidade das Escrituras, mas fortalece a necessidade de discernimento. Ao compreender as origens e significados de suas próprias práticas, a igreja pode permitir que o evangelho as purifique, redima e transforme, tornando seu testemunho mais fiel e relevante ao contexto em que está inserida.

3.2. O risco da não-contextualização

Hiebert argumenta que a igreja que não contextualiza sua fé corre o risco de cair em dois extremos prejudiciais: o etnocentrismo, quando confunde sua própria cultura com a verdade bíblica, e o sincretismo, quando incorpora valores e crenças

¹⁸ NICHOLLS, Bruce J. Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.

¹⁹ HIEBERT, Paul G. O Evangelho e a Diversidade das Culturas. São Paulo: Vida Nova, 2008.

incompatíveis com o evangelho. Para ele, somente uma contextualização consciente — capaz de avaliar criticamente tanto a cultura da igreja quanto a cultura ao redor — evita que práticas humanas sejam absolutizadas ou que elementos contrários ao evangelho sejam assimilados de forma acrítica. Nesse sentido, contextualizar não é relativizar o evangelho, mas protegê-lo de distorções.

A visão de Geertz (2008)²⁰ reforça essa necessidade ao lembrar que a cultura é formada por redes de significados que moldam profundamente a maneira como comunidades interpretam a realidade. Ignorar essas camadas simbólicas leva a igreja a confundir elementos centrais da fé com meras expressões culturais, ou a adotar práticas culturalmente atraentes, mas teologicamente nocivas.

Nicholls, em diálogo com essa perspectiva, alerta que a teologia nunca é produzida no vácuo: ela sempre nasce dentro de um contexto. Assim, quando a igreja não reconhece seu próprio condicionamento cultural, corre o risco de transformar sua teologia local em padrão universal, abrindo portas tanto para o etnocentrismo quanto para o sincretismo.

Bevans e Bosch completam esse quadro ao mostrar que contextualizar é uma exigência teológica e missionária. Para Bevans, a ausência de contextualização gera teologias distorcidas — seja por absolutizar tradições culturais, seja por relativizar verdades bíblicas. Bosch reforça que a missão cristã só existe dentro de contextos específicos, e que ignorá-los produz práticas colonizadoras ou irrelevantes. Juntos, esses autores convergem para a mesma conclusão: longe de ameaçar o evangelho, a contextualização responsável é o meio pelo qual ele é preservado, comunicado com clareza e encarnado de maneira transformadora no coração de cada cultura.

4. IMPLICAÇÕES PARA A FORMULAÇÃO DOUTRINÁRIA E PRÁTICA ECLESIAL.

A tradição cristã afirma que a doutrina, em seu núcleo essencial, é imutável; contudo, sua expressão e aplicação sempre acontecem dentro de contextos específicos. Isso significa que diferentes culturas não alteram a verdade do evangelho, mas influenciam as formas como essa verdade é comunicada, aprendida e vivida.

²⁰ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

Assim, temas centrais como salvação, missão, comunidade ou santidade precisam ser ensinados levando em conta as estruturas culturais e de cosmovisão que moldam a recepção desse conteúdo. A igreja, portanto, não pode ignorar o fato de que a transmissão da doutrina ocorre sempre através de linguagens e simbolismos culturalmente situados.

Geertz (2008)²¹ contribui para essa compreensão ao definir cultura como um conjunto de “teias de significados” por meio das quais as pessoas interpretam a realidade. Se indivíduos compreendem o mundo a partir dessas redes simbólicas, então suas percepções sobre pecado, graça, autoridade ou discipulado também serão moldadas por elas.

A formulação doutrinária, nesse sentido, precisa reconhecer que não fala a uma mente neutra, mas a sujeitos profundamente enraizados em narrativas e práticas culturais. Essa sensibilidade cultural não ameaça a ortodoxia; ao contrário, permite que a doutrina seja recebida de forma inteligível e transformadora.

Hiebert (2008)²² aprofunda essa reflexão ao destacar que, além dos símbolos culturais visíveis, há estruturas profundas de cosmovisão que influenciam a interpretação doutrinária. Conceitos como “reino de Deus” ou “igreja” assumem significados distintos em sociedades individualistas, coletivistas, rurais, urbanas ou pós-modernas.

Para ele, a missão da igreja consiste em anunciar um evangelho capaz de transformar essas cosmovisões, evitando tanto o etnocentrismo — que impõe o formato cultural do missionário — quanto o sincretismo, que dilui verdades bíblicas para acomodá-las ao contexto. Assim, a contextualização é o caminho para transmitir a doutrina com fidelidade e relevância.

Autores como Nicholls, Bevans e Bosch reforçam que toda teologia é inevitavelmente contextual e que a missão acontece no encontro entre evangelho e cultura.

Nicholls lembra que, sem consciência crítica, práticas meramente culturais podem ser confundidas com doutrina, enquanto aspectos teológicos essenciais podem ser relativizados pela pressão do contexto.

²¹ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

²² HIEBERT, Paul G. *O Evangelho e a Diversidade das Culturas*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

Bevans argumenta que contextualizar não é opcional, mas inerente ao processo teológico, pois o evangelho precisa dialogar com as linguagens, angústias e símbolos de cada sociedade.

Bosch complementa ao afirmar que a missão exige expressões doutrinárias relevantes, capazes de tornar as verdades eternas compreensíveis dentro de realidades concretas. Assim, a igreja permanece fiel ao evangelho não ao negar a cultura, mas ao discernir como comunicar a fé de modo significativo para sua própria geração.

4.1. Doutrina contextualizada, não relativizada

Bevans (2004)²³ afirma que contextualizar não significa mudar a doutrina cristã, mas comunicá-la de modo que faça sentido dentro do universo cultural de um povo. Para ele, traduzir o evangelho “para o idioma da vida das pessoas” implica reconhecer que símbolos, linguagens e modos de raciocinar moldam profundamente a forma como a mensagem é recebida.

Essa visão se harmoniza com Geertz (2008)²⁴, que entende a cultura como um conjunto de “teias de significados” que estruturam a percepção da realidade. Assim, a doutrina permanece imutável em seu conteúdo, mas sua expressão precisa dialogar com essas estruturas simbólicas para que o evangelho não se torne inacessível ou irrelevante para a comunidade.

Hiebert (2008)²⁵ amplia essa compreensão ao destacar que a comunicação doutrinária deve atingir não apenas os elementos visíveis da cultura, mas também sua cosmovisão — o nível profundo onde se formam valores, pressupostos e crenças fundamentais. Contextualizar, portanto, não é relativizar a verdade bíblica, mas expô-la de modo que confronte e transforme essas bases existenciais.

Essa abordagem evita dois perigos: o etnocentrismo, que absolutiza o próprio modelo cultural como padrão teológico, e o sincretismo, que adapta o evangelho sem discernimento crítico. Nicholls (2013)²⁶ acrescenta que toda teologia nasce em um contexto, e que ignorar isso apenas faz com que uma forma cultural específica seja

²³ BEVANS, Stephen B. Modelos de Teologia Contextual. 2ª Edição. São Paulo: Paulus, 2004.

²⁴ GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

²⁵ HIEBERT, Paul G. O Evangelho e a Diversidade das Culturas. São Paulo: Vida Nova, 2008.

²⁶ NICHOLLS, Bruce J. Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.

tratada como se fosse universal. A contextualização, então, não ameaça a doutrina — ela a torna comunicável e pastoralmente relevante.

Bosch (2007)²⁷ reúne essas perspectivas ao afirmar que a missão cristã sempre acontece em diálogo com culturas específicas. Desde o Novo Testamento, o evangelho foi encarnado em contextos concretos, e por isso “não existe evangelho em estado puro”, isolado de qualquer moldura cultural.

Assim, integrar as contribuições de Bevans, Geertz, Hiebert, Nicholls e Bosch permite concluir que a doutrina é revelada e imutável, mas sua formulação é contextual; sua comunicação é culturalmente situada; e sua recepção depende do diálogo com as estruturas de significado e cosmovisão locais. Contextualizar, portanto, não compromete a verdade é justamente o caminho para que ela seja compreendida, acolhida e vivida de maneira transformadora.

4.2. A prática eclesial como espaço pedagógico

Bosch destaca que a missão da igreja não ocorre apenas no discurso, mas na forma como a comunidade vive sua fé no cotidiano. As práticas eclesiais comunhão, liturgia, liderança, evangelização e leitura bíblica tornam-se espaços pedagógicos onde o evangelho é interpretado e encarnado.

Nesse sentido, a contextualização se revela justamente na prática: é quando a igreja age, celebra, organiza e se relaciona que a mensagem cristã ganha forma concreta no contexto cultural em que está inserida.

A perspectiva interpretativa de Geertz ajuda a compreender essa dinâmica ao mostrar que toda ação humana está carregada de significados culturais. Assim, gestos litúrgicos, expressões emocionais no culto, estilos de liderança ou formas de comunhão não são neutros: refletem símbolos e valores presentes em cada cultura.

Hiebert aprofunda esse ponto ao lembrar que tais práticas se enraízam em camadas profundas da cosmovisão, moldando como a igreja entende autoridade, espiritualidade e missão. Dessa maneira, a prática eclesial revela tanto a interpretação que a comunidade faz do evangelho quanto a forma como o evangelho transforma suas estruturas culturais internas.

²⁷ BOSCH, David J. *Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. 2ª Edição. Rio Grande do Sul: Sinodal, 2007.

Nicholls e Bevans reforçam essa compreensão ao afirmar que toda teologia é contextual e que a igreja, ao viver sua fé, inevitavelmente interpreta o evangelho dentro de molduras culturais específicas. Por isso, ignorar o papel da cultura na prática eclesial leva a confundir formas culturais com normas bíblicas, enquanto reconhecer essa dimensão permite uma teologia mais fiel às Escrituras e mais significativa para o contexto.

Integrando esses autores, percebe-se que a prática da igreja é um instrumento pedagógico fundamental: quando contextualizada de maneira crítica e consciente, ela comunica o evangelho de modo claro, encarnado e transformador para a comunidade local.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que a contextualização teológica é indispensável para que a igreja cumpra sua missão com fidelidade bíblica e relevância cultural. A cultura exerce influência decisiva sobre a formulação doutrinária e sobre a prática eclesial; por isso, ignorá-la compromete a comunicação do evangelho e pode gerar distorções tanto na compreensão quanto na vivência da fé cristã.

Os autores analisados convergem na afirmação de que toda teologia é contextual, ainda que esse processo nem sempre seja reconhecido de modo consciente. Suas contribuições mostram que a cultura e a cosmovisão podem atuar tanto como ponte quanto como obstáculo à fé, dependendo do discernimento e da maturidade teológica da igreja.

Ao identificar a cultura como um sistema de significados e compreender que esses significados moldam estruturas profundas de cosmovisão, a igreja ganha ferramentas para interpretar sua realidade e comunicar o evangelho de maneira mais clara e transformadora. Nicholls reforça que nenhuma expressão de fé é neutra, e Bevans afirma que contextualizar não é relativizar a doutrina, mas traduzir sua verdade eterna de modo significativo para cada povo. Bosch, por sua vez, recorda que a missão cristã sempre acontece no encontro entre evangelho e cultura, exigindo discernimento, encarnação e fidelidade.

Assim, a contextualização não é simples adaptação pragmática, mas um compromisso teológico e missional com o Deus que se revela na história e age na realidade concreta das pessoas. Quando realizada de forma consciente e biblicamente fundamentada, ela evita tanto o etnocentrismo quanto o sincretismo,

permitindo que a igreja viva e anuncie o evangelho de maneira relevante, fiel e transformadora em seu próprio contexto.

REFERÊNCIAS

BEVANS, Stephen B. **Modelos de Teologia Contextual**. 2ª Edição. São Paulo: Paulus, 2004.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão**. 2ª Edição. Rio Grande do Sul: Sinodal, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade das Culturas**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

NICHOLLS, Bruce J. **Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura**. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.